



GT 16. Antropologia, Saúde Pública e fabulações cosmopolíticas: etnografia e possibilidades simbiopoéticas de cuidar/fazer o mundo.

Coordenador(es):

José Miguel Nieto Olivar (USP - Universidade de São Paulo)

Maria Paula Prates (UFCSPA - Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Colocamos em discussão três sistemas de produção de conhecimentos: a antropologia, a saúde pública e as cosmopolíticas. Trata-se de sistemas não equivalentes com relações não simétricas. Assumimos como ponto de vista a antropologia, principalmente de base etnográfica. Olhamos para a saúde pública como um campo fundamental de ação política e de gestão de novas e antigas formas de governo. Entendemos o marco cosmopolítico como um conjunto analítico e proposicional contemporâneo de extrema relevância para pensar “o mundo” nos seus limites e multiplicidades, em relação com formas possíveis de produção de conhecimento. Nos perguntamos: O que a antropologia brasileira contemporânea, objeto múltiplo e em franca transformação, tem a dizer sobre as relações possíveis entre antropologia e saúde pública no marco do conjunto de transformações e desastres que tem sido compreendidas como “fim do mundo”, Antropoceno, entre outros? Como a saúde pública pode se ver afetada no atravessamento de perspectivas antropológicas e etnográficas no marco do Fim do Mundo? Quais as possibilidades de uma antropologia da saúde, com sua tradição de corpos, curas, perturbações, saberes e emoções, no marco das propostas em curso sobre intervenções cosmopolíticas e intrusões de Gaia? Como alimentar etnograficamente os processos de cuidado, resistência, intervenção, intromissão e (re)feitura d/nos fins do(s) mundo(s), enquanto abre-se a possibilidade de reinvenção da antropologia?

Transições de vida: buscando alternativas para viver no mundo em ruínas

Autoria: Stephanie Ferreira Sacco (UFPA - Universidade Federal da Paraíba)

Segundo Harvey (1992) “temos vivido nas últimas duas décadas uma intensa fase de compressão do tempo-espaco que tem tido um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio de poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural.” (HARVEY, 1992 p. 257). Esse paradigma da aceleração tem consequências negativas para a saúde do planeta e da nossa espécie. Em paralelo à necessidade de acumular e consumir, as estruturas de work mudaram, e a onda de flexibilização e autonomia do work cria hordas de pessoas que são chefes de si mesmo e que acabam virando seus próprios carrascos. O filósofo sul coreano Byung-Chul Han (2015) relata como essa liberdade paradoxal acaba se tornando uma auto-violência que leva às doenças psíquicas como a depressão, ansiedade e a síndrome de burnout. São Paulo, por exemplo, tem 11% de sua população sofrendo de depressão e 19,9% sofrendo algum tipo de transtorno de ansiedade (VIANA, 2009). Frente a esse cenário de fim de mundo, algumas pessoas decidem buscar alternativas para viver nesse mundo em ruínas do antropoceno (TSING, 2019). Chamo de transição de vida o processo pelo qual passam essas pessoas que estavam inseridas em um estilo de vida urbano que decidem deixar de viver em grandes cidades. Essas pessoas se mudam para cidades pequenas, muitas vezes em zonas rurais, em busca de contato com a natureza, uma vida saudável, conexão espiritual e uma recusa ao estilo de vida capitalista da grande cidade, regida pelo work como elemento central da vida e pelo consumo. Apresentarei análises preliminares de minha pesquisa de campo no IV Encontro Saberes da Caatinga, que reuniu mais de 400 pessoas de todo Brasil na comunidade de Posto da Serra, em EXU, Pernambuco. Nesse encontro, pessoas que passaram por transições de vida buscavam conhecimentos - em



especial sobre saúde e formas alternativas de cura - com raizeiras, benzedeiras e parteiras da região. Minha análise seguirá os passos da antropóloga norte-americana Anna Tsing, que além de falar a mesma língua que meus interlocutores e estar no limiar da ecologia com a antropologia, oferece conceitos que se mostraram muito úteis para a análise de meus dados de campo. Inspirada em Marilyn Strathern, ela usa um exercício de comparação incomum entre fungos e nós humanos para pensar em como viver nesse mundo em ruínas, com todos seus desafios ecológicos e sociais contemporâneos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: